I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA

"O HOMEM E O ESPAÇO"

Natal, 28-30 de Novembro de 2016

CADERNO DE RESUMOS

UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Comissão Organizadora
Dax Moraes (UFRN)
Edrisi Fernandes (UnB/UFRN)
Oscar Federico Bauchwitz (UFRN)

Apoio:
CAPES
DFIL - UFRN
PPGFIL - UFRN
PPG - UFRN
PROEX - UFRN

Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Campus Universitário, Lagoa Nova - Natal/RN
Fone: (84) 3342-2339, Ramal 803.
http://www.cchla.ufrn.br/ppgfil/paginas/eventos/o_homem_e_espaco/index.html

COMEÇAR E ACONTECER

Alan Marinho Lopes

O tempo nunca é o mesmo tempo. O tempo sempre é outro tempo. Como Heidegger já nos ensinou, a temporalidade do homem é ontologicamente diferente, pois traz a expressão mundana/cotidiana do sentido do ser. Com base nisso, proponho aqui uma reflexão sobre o tempo e suas devastações, bem como uma pergunta: O que realizamos com os diversos tempos que nos distribuem pela existência?

ONTOLOGIA E ECÚMENO

Aldo Dantas (UFRN)

A discussão partirá do seguinte questionamento: qual é a ação do verbo ser? a ação é sendo. Em sendo posso decidir ser ou não ser, podemos optar por morrer, mas não optamos por nascer nessa ou naquela situação, como diz Heidegger somos "lançados". Ao sermos "lançados", de modo geral, decidimos por ser. E não nos reduzimos a essa questão: ser ou não ser? Ao decidirmos ser nos projetamos para fora, nos geografizamos. Essa geografização está para além da minha decisão de ser ou não ser: ela está no *como* decido ser. Como diz Heidegger, "o *onde* determina o *como* do Ser, porque Ser significa presença". Essa presença é o que Heidegger chama de Dasein – o ser-ai, formas de ser. Ora, esse ser-ai, não diz respeito a uma única maneira de ser. O modo de ser do Dasein, da presença, nos coloca frente a um conjunto de possibilidades, a nossa capacidade de fazer escolhas, a possíveis modos de ser.

CUERPO Y CONOCIMIENTO SEGÚN MEISTER ECKHART. UNA PERSPECTIVA COMPARADA

Alessandra Beccarisi (Università del Salento)

La literatura sobre el cuerpo y su relación con la cultura crecieron en los últimos años constantemente. En su reciente libro> Sur la pensée pasiva de Descartes < Jean-Luc Marion relaciona el *cogito ergo sum* de Descartes dictado con la experiencia original de corpus meum. Pero hay otra cuestión que está estrechamente ligada al cuerpo, a saber, el concepto de espacio. La estructura y los límites del espacio, ya que son creados por el hombre, son temas centrales de diversas disciplinas como la historia cultural, la antropología o la lingüística. Por esto Intentaré de probar que para meister Eckhart el cuerpo físico no es una unidad pasiva a las influencias externas, sino un agente que es capaz de determinar los pensamientos y percepciones.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A QUESTÃO FUNDAMENTAL DA METAFÍSICA E A ESSÊNCIA DA LIBERDADE HUMANA EM MARTIN HEIDEGGER

Ana Carolina Matias Costa Aldeci - Mestranda em Filosofia UFRN

Para definir a metafísica de modo que ela se apresente em si mesma, Heidegger afirma ser necessário que recorramos a uma questão situada originariamente em seu âmago, que abranja a totalidade da sua problemática e, consequentemente, problematize a situação medular da existência do próprio interrogador, que é simultaneamente sujeito e objeto. Como vivemos em um mundo que se realiza por meio da técnica onde o imperativo é a ciência, a nossa existência, no caso de pesquisadores, professores e estudantes, também é determinada por elas, mas Heidegger detecta que o enraizamento das ciências e, portanto, da nossa existência, desapareceu de seu fundamento essencial, posto que segundo ele, desde Platão, o homem envolvido na existência científica tem se voltado para o ser sustentando uma apologia da técnica no limite da guerra e da violência, pre - ocupados apenas com seus direcionamentos especializados ao ente (*ón*).

LITERATURA E MÍSTICA: EM TORNO DO NÃO LUGAR

Cícero Cunha Bezerra (UFS)

Pensar o "não lugar" associado à mística é pensar no que, precisamente, define sua relação com o espaço. Espaço compreendido de dois modos: como o "*locus*" do discurso (textual) e o espaço onde a experiência do discurso se dá (alma). Estamos, com isso, buscando compreender duas características das narrativas místicas, ou seja, seus aspectos literário e existencial. Filiando-nos ao pensamento de Michel de Certeau, buscaremos pensar de que modo a mística se constitui, enquanto*corpus*, em uma vivência espiritual que faz da natureza interlocutora de uma vida que transcende, na imanência do mundo, o próprio mundo enquanto lugar.

DEVERES DO HOMEM

Cinara Nahra (UFRN)

A presente apresentação versa sobre o conceito de deveres humanos. Em 2015 foi discutido no México em conferência promovida pela fundação José Saramago e a UNAM a proposta de uma Declaração Universal dos Deveres Humanos a ser futuramente encaminha às Nações Unidas, mas a história desta proposta vem de antes, já que em 1997 o rascunho de uma *Universal Declaration of human Responsibilities* já havia sido proposto pela *Inter Action Council* , e em 1948 foi promulgada na nona conferencia dos estados americanos em Bogotá a declaração americana dos direitos e deveres do homem. O objetivo deste trabalho é discutir a viabilidade da proposta de uma declaração universal dos deveres humanos além de discutir o conceito de deveres

humanos definindo o que eles são e o escopo de sua aplicação, bem como as possibilidades de complementação entre deveres humanos e direitos humanos. Analisaremos as propostas já existentes e disponíveis de declarações universais de deveres humanos verificando os seus pontos em comum e seus pontos divergentes. Discutiremos finalmente, a título de conclusão, qual o papel da noção de deveres na sociedade contemporânea e se existe ou não um esvaziamento deste conceito em função da priorização da ideia de direitos.

GEOGRAFÍA Y PENSAMIENTO SEGÚN NICOLÁS DE CUSA

Claudia D'Amico (Universidad de Buenos Aires)

Cuando el Cusano dedica De docta ignorantia a su amigo, el cardenal Giuliano Cesarini, le dice: "acepta de quien viene del pueblo germano este modo de razonar acerca de las cosas divinas" estableciendo una clara distinción entre su "modo" y el de un romano. Más tarde en De coniecturis, en el breve tratado De homine con el que cierra la obra, vuelve a ligar ciertas peculiaridades del pensar a la geografía de la cual proceden vinculando las distintas regiones –el norte, el sur, el oriente, el occidente- y los diversos climas, a la predilección y desarrollo de ciertos saberes (la religión intelectual, las matemáticas, las artes del trivium, el derecho, las artes mecánicas). El propósito de la exposición es estimular la reflexión acerca de la vinculación entre geografía, contexto y pensamiento.

OIKOS: CONSTUINDO UMA MORADA DO PENSAMENTO EM THOREAU

Clodomir Andrade (UFJF)

A obra de H. D. Thoreau (1817/1862) apresenta uma janela de oportunidade particularmente rica para uma reflexão sustentada acerca do/s espaço/s. Ao se afastar da cidade de Concord, Massachussets, e construir, ele próprio, uma cabana no meio da mata às margens do Lago Walden para se dedicar à reflexão, escrita e agricultura sustentável, Thoreau elabora, de forma inovadora e inimitável, uma "pedagogia do despertar", através de uma proposta filosófica cujos desdobramentos éticos, políticos e soteriológicos somente agora começam a ser devidamente avaliados pela academia filosófica ocidental. Pioneiro de uma leitura atenta das tradições sapienciais orientais e herdeiro do projeto clássico grego do auto-conhecimento e do cuidado-de-si, sua obra, vazada numa linguagem densa de poesia, enseja um afloramento particularmente belo e fecundo para se pensar os espaços da natureza e da cultura, cujo perímetro será o objetivo desta apresentação.

AMOR E SENTIDO DO MUNDO, PRESENÇAS E DISTÂNCIAS

Dax Moraes (UFRN)

Estamos habituados a medir distâncias não apenas espaciais, mas também temporais. Contudo, que se pressupõe em toda medição? Já uma separação, uma cisão entre os dois ou mais pontos entre os quais se traça a linha que os separa. O presente e o ausente também costumam ser identificados segundo suas distâncias, o primeiro como o "ali por perto" e o segundo como o que simplesmente não se encontra nessa condição. Quando se trata de amor, todavia, trata-se de uma relação segundo a qual alguém ou alguma coisa se faz presente mesmo quando não está ali por perto segundo um ponto de pista exterior à relação mesma, "objetivo", Desse modo, refletiremos sobre a hipótese de que o amor, na condição de estabelecer novos sentidos para o mundo e para si, recria relações com o(s) espaço(s), pois, independente das distâncias objetivas entre objetos, mensuráveis segundo padrões universais, a disposição amorosa carrega em si a possibilidade de experiências temporais existencialmente concretas. Em suma, refletiremos sobre a temporalidade do amor e sua implicações para nossas "medições" qualitativas de espaços.

AS BASES PITAGÓRICO-PLATÔNICAS DA RELAÇÃO HOMEM/ESPAÇO NO SUPREMATISMO RUSSO E SUA HERANÇA ATUAL

Edrisi Fernandes (UnB/UFRN)

Os fundamentos filosóficos do Suprematismo russo são mal conhecidos e insuficientemente problematizados. A partir da apreciação da conferência de Nikolai Tarabukin em 1927 sobre "O Espaço excêntrico e o hiperespaço na pintura" (*Eksentricheskoe prostranstvo i giper-prostranstvo v zhivopisi*), de avaliações recentes de escritos e obras artísticas e aquitetônicas de Kazimir Malevitch e do seu estudo em relação com a filosofia russa da época – notadamente com obras de Vyacheslav Ivanov, Pavel Florensky e Aleksey Losev -, com a matemática da infinitude (na tradição de Dmitry Egorov, Nikolai Luzin e P. Florensky) e com a rica tradição artística e arquitetural russa, investigamos as bases pitagórico-platônicas da relação homem/espaço no Suprematismo russo e sua herança posterior, nos *Architektons* de Malevitch e na assimilação de ideias suprematistas pela escola Bauhaus. Nesta avaliação, atentamos particularmente para ideias relativas à microinfinitude (associada ao espaço interno) e à macroinfinitude (relacionada ao hiperespaço e à fronteira ontológica entre os domínios fenomenal e numenal), sugerindo elos com a tradição pitagórica e com o Neoplatonismo russo, em especial com as obras "O Imaginário em geometria" (*Mnimost' v geometrii*; 1927), de Florensky, e "Cosmos antigo e ciência contemporânea" (*Antichnii kosmos i sovremennaia nauka*, 1927), de Losev. Em última análise, pretendemos demostrar qual relação pode ser [re]estabelecida entre o conceito de "Suprematismo" e a asserção florenskiana/loseviana de que todo o Platonismo está contido na fórmula de Lorentz para a contração do comprimento, $\beta = \sqrt{[1 - (v^2 \div c^2)]}$.

A VIDA COMO OBJETO DE PODER: FOUCAULT E A HISTÓRIA DOS ESPAÇOS

Gabriel José Pochapski - Mestrando em História (UFRN)

Este trabalho busca investigar as noções de vida e de espaço articuladas por Foucault nas décadas de 1960 e 1970 e suas relações com a História. Ao publicar "O Nascimento da Clínica" em 1963, Foucault apontava as transições ocorridas entre a clínica clássica para a clínica moderna no decorrer do século XVIII e no início do século XIX. Para o pensador francês, tal contexto foi caracterizado por uma ruptura espacializante no discurso médico, mudança esta que resultou em um deslocamento nas compreensões sobre a vida. Para além de um dado naturalizado ou de uma essência sobre o homem, a vida foi construída na clínica moderna como objeto de saber e poder, o espaço do corpo foi esquadrinhado pela observação direta de suas extensões, signos e sintomas. A dinâmica ocorrida entre a vida e o espaço individualizava os corpos e os delimitava entre a doença e a cura, o patológico e a normalidade. A partir de 1970, as investigações foucaultianas que articulavam a vida e o espaço foram marcadas por um novo direcionamento, o biopoder. Partindo da análise das tecnologias que permitiam o controle de grandes populações no século XIX, Foucault enfatizou em diversas obras e cursos ministrados no Collège de France a vida como objeto do poder por excelência, aspecto este diretamente ligado aos espaços. O desenvolvimento de mecanismos de segurança, os modelos arquitetônicos e urbanos preocupados com a saúde, os territórios atravessados por pesquisas estatísticas e demográficas indicavam técnicas de poder que gerenciavam a vida em amplos espaços. Ao estabelecer a produção histórica destes modelos e superfícies, Michel Foucault não se mantinha isolado das perspectivas que o conhecimento histórico tomava na França da primeira metade do século XX. Para o filósofo francês, cabia aos historiadores não só o desenvolvimento de uma história dos espaços institucionalizados, econômicos e demográficos, mas também de uma historicidade dos espaços da vida. As relações humanas não se dariam em um espaço dado, imóvel e estável, pelo contrário, as vivências, as subjetividades e os corpos seriam produzidos em espacialidades marcadas pelo movimento, pela ruptura e pelo acontecimento, aspectos estes de fundamental interesse para o historiador.

BACHELARD E A META-ONTOLOGIA DO ESPAÇO

Gabriel Kafure da Rocha - Doutorando (PIDFIL -UFRN)

Relacionar o espaço com a meta-ontologia é dizer que um mundo tomado por questões espaciais pode ser um prisma de interpretação da realidade. Os indivíduos, no seu aspecto relacional, se relacionam o tempo todo entre si e espaços outros, sejam poéticos, epistemológicos, políticos ou geográficos. Gaston Bachelard (1884-1962), em sua ontogênese espacial, percebe que existe um jogo do abstrato e concreto revelado pelo ser na medida em que se presentifica tal como quando o poeta descreve o desocultamento ocultante do ser. Isto é, numa abertura que provém da própria

espacialidade da tensão mundo-terra, como uma meta-ontológia. Nesse sentido, o espaço é uma construção meta-ontológica, que no viés dessa comunicação, combina com a ideia de delimitação possível do esgotamento de suas fronteiras. É esse espaço que parte da própria ontologia regional como questionamento de conceitos como paisagem, lugar, habitar na topologia do ser.

O QUE SIGNIFICA ESTAR EM ALGUM LUGAR?

Gisele Amaral (UFRN)

Aristóteles apresenta, na *Física*, algumas razões como prova da existência do lugar (*topos*). Essa demonstração é decisiva, ao menos para introduzir a questão sobre o que é o lugar; uma questão, como o próprio Aristóteles descreve, repleta de dificuldades. A precisão da definição aristotélica de lugar depende, em grande parte, da sua teoria da matéria e da forma, sobretudo, porque, segundo ele afirma, o lugar não é nem matéria, nem forma, nem intervalo. O lugar é pensado por Aristóteles como limite imóvel. A proposta aqui é expor a concepção de lugar como ocupação em Aristóteles, considerando que o autor não tem nenhuma teoria do espaço independente das pré-condições espaciais da mudança de uma coisa movente.

A DESCONSTRUÇÃO DO ESPAÇO MASCULINO NA OBRA "LA TÍA TULA" DE MIGUEL DE UNAMUNO

Josilene Simões Carvalho Bezerra (IFS)

Nosso trabalho tem como objetivo expor o papel do masculino na obra La tía Tula, de Miguel de Unamuno. Pensados como submissos e apenas como instrumentos para a procriação, os personagens masculinos são sempre afligidos pela sensualidade e aparecem caracterizados como indivíduos débeis, sem vontade própria, o contrário da protagonista, no caso particular da novela La tía Tula, uma mulher extremamente viril e forte, que aparece como exceção, visto que as referências feitas ao feminino são convencionais, pensadas a partir de uma visão negativa, associada sempre ao submisso e ao domesticado. A protagonista se converte em mãe sem participação de homem, um desejo que para ela tem dois propósitos: o primeiro, a sua concepção de maternidade, atributo mais sublime da mulher; o segundo, aversão aos homens, em que sua única função é a fecundação e depois a morte.

A LEITURA RESOLUTA DO "NOVO WITTGENSTEIN" E SUAS PREMISSAS KIERKEGAARDIANAS

Lauro Ericksen - Doutorando em Filosofia (PIDFIL-UFRN)

A comunicação tem como tema a primeira fase do pensamento de Wittgenstein (contida no *Tractatus*), dando especial destaque às premissas "subjetivistas" colhidas por ele em Kierkegaard. Objetiva, de modo mais amplo, observar os aforismas 4.1212 e 5.632, dando-lhe o tratamento subjetivista contemporâneo. Especificamente, objetiva demonstrar como a premissa kierkegaardiana de que "a verdade é a subjetividade" foi incorporada por Wittgenstein através de um modo transteístico, em que o dizer e o mostrar são diversos, mas as estruturas teológicas são secularizadas dando azo a uma interpretação que emerge do sujeito e se direciona a sua criação cultural. Metodologicamente atém-se à denominada "leitura resoluta" de Conant e Diamond sobre o "Novo Wittgenstein", rejeitando uma perspectiva metafísica da obra de Wittgenstein ao mesmo tempo em que se rememoram suas influências kierkegaardianas. Como resultado aponta que a releitura wittgensteiniana o aproxima do pensamento kierkegaardiano e platônico, rejeitando a perspectiva objetivista e dogmática da ciência moderna. Conclui-se que a leitura resoluta é importante para que Wittgenstein seja lido escorreitamente sem as amarras metafísicas do início do século XX, e, assim, seu pensamento seja culturalmente interpretado e compreendido dentro da filosofia contemporânea.

PENSAR A TERRA. O PENSAMENTO GEO-COSMOPOLÍTICO DE KANT E SEUS DESAFIOS

Leonel Ribeiro dos Santos (UFRN)

O objetivo da comunicação é abordar uma faceta muito secundarizada ou mesmo esquecida da obra e pensamento de Immanuel Kant - o pensamento cosmológico e geográfico, e relacioná-lo com a explícita intencionalidade cosmopolítica da sua conceção da história humana e do seu pensamento antropológico e jurídico-político. Apesar da distância de mais de dois séculos que nos separam desses textos, considero que eles ainda propõem desafios para a reflexão atual sobre o lugar do homem no cosmos, a condição irremediavelmente terrena e telúrica do ser humano e enfim para repensar a relação do homem com a natureza numa perspetiva não antropocêntrica, consciente da finitude da Terra e de seus recursos e inspirada pelo dever imperativo de uma gestão global, sensata, solidária e justa das condições que possam garantir a todos os humanos o efetivo reconhecimento dos seus direitos de «cidadãos do mundo».

O DASEIN E A TEMPORALIDADE PREOCUPADA: A EXISTÊNCIA DO SER-AÍ COTIDIANO

Luana Alves de Oliveira - Mestranda em Filosofia (UFRN)

O presente trabalho fundamentado na obra Ser e Tempo de Martin Heidegger tem a intenção de apresentar o ser-aí e sua constituição no mundo por meio das suas formas de ser-com, ser-em e ser-junto visando, no entanto, contemplar as suas relações com a temporalidade e com a sua própria existência enquanto um ser de possibilidades. A temporalidade se apresenta por meio da preocupação que todo ser-aí experimenta através das suas relações com os outros seres que também estão-aí no mundo. O ser-aí sempre compreende a si mesmo a partir de sua existência, aqui escolhemos o termo ser-aí ou Dasein para designar a pura expressão de ser. Como o ser-aí é um sendo que sempre nós mesmos somos utilizaremos as suas próprias experiências para compreender como é construído o ser-no-mundo, esse ser de relações e conflitos, que se encontra jogado em um mundo cheio de ocupações e preocupações, em que irá se utilizar do cotidiano para construir-se como aquele ser que é o próprio e o impróprio não ser, para poder assim descobrir-se como um ser de possibilidades. A compreensão do Dasein também se dá no mundo através do tempo, uma vez que o tempo é o horizonte de toda compreensão e interpretação do ser. A temporalidade é compreendida como parte do ser-aí que se perfaz no movimento pela possibilidade de ser. A analítica do ser-aí pretende aqui compreender a questão do construir-se do ser-no-mundo, o que se busca através dessa análise é liberar o sentido para o estudo preparatório do ser através da cotidianidade e da temporalidade. A existência confere ao ser a característica de ser um ente que existe, tal compreensão permite ao ser se perceber no mundo como aquele que constrói e habita o seu próprio mundo. O ser-aí é convidado a todo tempo a dar sentido as coisas que estão aí, pois enquanto relação com os outros e com os entes que existem dentro do mundo o ser-aí se encontrar ocupado e preocupado. Na medida em que o Dasein é determinado como temporalidade, o Dasein possibilita a si mesmo como o poder-ser-um-todo próprio do ser-aí precursor. A temporalidade descobre-se como o sentido da preocupação própria, a totalidade-do-ser do Dasein como preocupação se apresenta como ser-junto-a um ente que vem de encontro dentro do mundo, uma vez que a unidade originaria da estrutura da preocupação reside na temporalidade. O ser-aí é temporal e a temporalidade abre para o ser-aí uma multiplicidade dos modos de ser do Dasein que possibilita o aparecimento da existência própria e imprópria. A cotidianidade é um modo de ser ao qual pertence o publico ser-aberto que acaba por tonar o habitar do ser-aí, por vezes, im-próprio.

O HUMANO EM ESFERAS

Luiz Roberto Alves (IFRN)

O pensador alemão Peter Sloterdijk, quando do desenvolvimento de sua obra magna, a trilogia Esferas (2009), afirma que a intenção subjacente ao texto mencionado também poderia ser compreendida enquanto uma tentativa de explorar o livro Ser e Tempo, de Heidegger, em seu aspecto menos conhecido, a saber, Ser e Espaço. Nesse contexto, o trabalho aqui apresentado pretende não apenas tratar da hermenêutica particular com que Sloterdijk aborda da obra heideggeriana em relação ao espaço, como, principalmente, tentar estabelecer um liame claro de compreensão sobre a relevância que o conceito de esfericidade tem para o pleno entendimento do significado de antropotécnica. Diante disso, não por mero anseio didático, mas por conta do devido desenvolvimento lógico-argumentativo, se tornou forçoso fazer uma abordagem sobre os principais matizes estabelecidos por Sloterdijk acerca do espaço – esfera –, tanto em suas distinções como nas sobreposições, com a intenção demonstrar que este é a zona de realização do humano. Portanto, o trabalho aqui apresentado, tenta se distinguir por conseguir perceber a coerência com que Peter Sloterdijk diagnostica os rumos do humanismo contemporâneo.

EL LUGAR DEL HOMBRE EN LA COSMOLOGÍA DE PLOTINO

Malena Tonelli (Universidad de Buenos Aires)

Es habitual encontrar en las *Enéadas* de Plotino referencias a los diferentes *lugares* que ocupan los miembros de su sistema. Él distingue, de hecho, una región supralunar de una región sublunar y le atribuye, a cada una, características propias. Como se sabe, no se trata, en rigor, de regiones separadas en sentido estricto, pues, la metafísica de procesión plotiniana supone una continuidad desde lo inteligible a lo sensible en términos causales entendiendo esa relación causal como un avance desde una Unidad supraesencial hasta la multiplicidad sensible. En este avance hacia la multiplicidad, la división se radicaliza en el seno de cada una de las instancias: mientras que el primer generado es "dos", lo que de éste se genere presentará una división intrínseca que en el estadio anterior estaba ausente. En este sentido, Plotino caracteriza al nivel inferior -la masa sensible- como lo divisible primario y al nivel superior -la Inteligencia- como lo indivisible primario. El alma individual, por su parte, está dividida en los cuerpos debido a que estos, a causa de su propia divisibilidad, no son capaces de recibirla indivisamente. La división es una afección propia de los cuerpos, no del alma que sigue formando parte del ámbito inteligible y eterno. De este modo, Plotino entiende que el cuerpo es el lugar del alma individual cuando ella lo anima aunque el lugar propio de ésta debe corresponderse con la región inteligible. En el presente trabajo analizaré la noción de *lugar* tanto desde el punto de vista cosmológico, en la organización de lo real, como antropológico, con vistas a establecer las diferentes connotaciones que esta noción adquiere a la hora de determinar aquello que es propio del Hombre, en tanto que a cada

uno le corresponde un lugar propio y diferente, dividido y separado, del resto de los individuos aunque en su principio constitutivo no sea otro que aquellos.

MORAR NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Márcio Moraes Valença (UFRN)

Passa o tempo. Passa devagar, mas as transformações no campo da vida social são avassaladoras. São metamorfoses que implicam na redefinição da própria experiência do existir e relacionar-se com o outro. A experiência do construir e do morar também se transforma. Mudam-se as rotinas do cotidiano, sempre adaptadas aos regimes do sistema hegemônico do dia. O tempo passa. E porque passa devagar, as adaptações às novas rotinas são incorporadas *naturalmente*, geração a geração. Diz-se por aí: "os tempos mudam" ou "mudaram". Geralmente, a expressão é seguida de algum lamento saudosista, de alguma referência idealizada sobre o passado. Alega-se alguma condição ideal do passado, mas sem querer abrir mão de condições ideais do presente. Hoje, a tecnologia move a nossa existência. Literalmente, os transportes e a comunicação nos aproximam; permitem percorrer os lugares e entre os lugares de forma mais rápida. Trata-se da eliminação do espaço pelo tempo. Ninguém quer voltar ao passado neste campo. As lembranças do passado são quase todas associadas à vagareza do tempo; do tempo gasto em atividades diárias - atividades lúdicas ou outros fazeres e prazeres -, determinadas pelo sol e a lua e pelos meses do ano. Na vida cotidiana das cidades, sol, lua e meses são partes de um calendário, no qual se estabelecem as rotinas do trabalho ao longo de todo o ano, o vai e vem do cotidiano, as metas, o desejado período do ócio. O mover-se no tempo não mais muda a natureza do trabalho, as suas qualidades intrínsecas. Mudam-se metas, em função do mercado, padrões determinados, não se sabe bem por quem. Adapta-se instantaneamente aos requisitos do momento. São requisitos, não opções. O tempo não é o mesmo para todos, ou melhor, a relação espaciotemporal não é a mesma. A cidade constitui uma comorada difusa, com coexistências sobre o mesmo lugar, lugar de encontros desencontrados. Coisas organizam tantos desencontros, tantos trajetos que se cruzam sem nunca se encontrarem. "Coisas ... dão morada à demora das pessoas", como diria Heidegger. O morar contemporâneo, por tudo isso, também se transforma. Transforma-se o seu construir. O morar não deixa de ser necessário, mas deixa de ser o ponto de apoio do que está ao lado, nos campos e vilas. Passa a ser o ticket de entrada de um grande condomínio fechado - a cidade contemporânea -, que impõe ao citadino custos de acesso e proximidade. Modifica o seu desejo; estabelece limites, muros e cercas, reais e imaginárias. Morar é mais do que o simples restabelecer-se para o dia seguinte. É nortear-se em função de um mundo que se move devagar e neste mover-se se metamorfoseia sem que se saiba como. Sabe-se que é assim e sabe-se que mudou porque se sentem saudades!

O ABSTRATO COMO PAISAGEM CONTEMPORÂNEA: A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO NA DINAMICIDADE DAS CONSTELAÇÕES RELACIONAIS

Marco Antonio Casanova (PUC - Rio)

O intuito primordial do presente texto é mostrar o quanto a arte abstrata contemporânea não implica simplesmente a presença de uma sensibilidade estética diversa, mas muito mais um modo diverso de determinação do espaço. Para tanto, trataremos a princípio da noção de paisagem e procuraremos mostrar em que medida é possível dizer que o abstrato é o caráter propriamente dito da paisagem contemporânea. Juntamente com isso, nos aproximaremos das posições de Nietzsche e Heidegger quanto ao modo de ser da vida e quanto à constituição propriamente dita do espaço afinado.

A PROPOSTA SOCIALISTA DE MARX E ENGELS E POSSÍVEIS ATUALIZAÇÕES

Maria Cristina Longo (UFRN)

O presente trabalho visa a explicar a proposta socialista de Marx e Engels, bem como pretende esboçar possíveis atualizações dessa concepção. De acordo com Marx e Engels, o capitalismo é um modo de produção injusto porque sustenta as bases de produção de sua riqueza na exploração dos trabalhadores. Em outras palavras, embora a produção, no capitalismo, seja coletiva, a apropriação é privada, gerando fortes desigualdades de classes entre os indivíduos desta sociedade. Entretanto, para os autores, esse é o primeiro modo de produção que possui as bases materiais necessárias para que um modo de apropriação socialista da produção passe a existir. O socialismo proposto pelos autores diz respeito à tomada dos meios de produção pelos trabalhadores, para que a socialização da produção ocorra, através do planejamento estatal. Atualizações da proposta socialista de Marx e Engels não são simples de serem aventadas, contudo, algumas indicações relacionadas à economia solidária ou à produção livre de tecnologia podem ser possíveis aproximações.

HEIDEGGER E O ESPAÇO: DA COMPREENSÃO TRADICIONAL À FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Maria Lucivane de Oliveira Morais (UNIOESTE)

O tema da comunicação que pretende-se apresentar se refere *a contribuição e as críticas de Martin Heidegger ao pensamento que se ocupa de tratar do espaço*. Com sua fenomenologia, o filósofo permite compreender existencialmente o espaço como o campo de jogo do ser-no-mundo que somos e este ser-no-mundo como o ente que se lança para múltiplas possibilidades do seu existir. No §. 22 de *Ser e tempo* são encontrados elementos que facultam a crítica às concepções tradicionais de espaço e subsídios para fundamentar sua compreensão a partir de bases fenomenológico-

existenciais. Assim, tem-se o seguinte problema: *Como a fenomenologia existencial heideggeriana pode contribuir para pensar o espaço?* Para respondê-lo, surge a hipótese de que Heidegger permite pensar uma experiência fenomenológica-existencial do espaço. Por meio da fenomenologia é possível ampliar sua compreensão para além dos estudos ônticos já produzidos. O objetivo geral a ser alcançado visa *determinar como a fenomenologia de Heidegger pode contribuir para pensar o espaço.* Como metodologia far-se-á uma interpretação de *Ser e tempo* e pesquisa em literatura secundária dedicada ao estudo da fenomenologia heideggeriana e ao espaço.

OS SUJEITOS QUE HABITAM ESPAÇOS RELIGIOSOS AFRO-DESCENDENTES MEDIANTE A EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-RITUAL

Maria Consuelo Oliveira Santos - (UESC)

Em tempos de reconhecimento do legado afro-descente na cultura brasileira, ressaltado nos últimos anos por leis que estabeleceram a temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" no currículo oficial da rede de ensino, nos convida a repensar os pressupostos da herança africana, em termos epistemológicos. Neste sentido, a necessidade de se compreender um tipo particular de conhecimento que está preservado, dinamicamente, em comunidades religiosas afro-brasileiras. Portanto, uma proposta que considera o espaço religioso como construtor de saber. Nesta direção, a necessidade de superação de clichês e preconceitos em relação a esse modo de interpretação da realidade, ainda bastante incompreendido. Para tanto, foi estabelecido um diálogo com ideias do perspectivismo ameríndio de EduardoViveiros de Castro, principalmente no que se refere à concepção de que todos os entes são sujeitos em potencial, considerando-se que as relações entre todos os seres são relações sociais, na dinâmica de comunidades ameríndias, aspecto este que se aproxima do pensamento de origem africana. Assim, em religiões afro-descendentes se observa a existência de tipos particulares de sujeitos, entre eles o de sujeito-divino, o sujeito-objeto e o sujeito-vegetal, que convivem em constante intercomunicação e negociação. Destaca-se também que as *performances* rituais sustentam um modo de vida perpassado por uma profusa estética simbólica, que se espraia por todos os lugares. Muito mais que um simples embelezamento, uma estética que implica uma ética e que, portanto, embasam ações políticas. Aspectos da fenomenologia merleaupotiana nos permite compreender a experiência vivida nos corpos dos sujeitos-participantes, considerando que as religiões afro-brasileiras são corporizadas, por excelência. Também um diálogo com a perspectiva humanista do geógrafo Yi-Fu Tuan, que põe ênfase na relação de afeto do sujeito com o lugar, a partir da vivência e experiência, o que provoca uma elaboração de sentidos. Para Tuan, os lugares são pequenos mundos que dependem da experiência e da emoção para se revelarem.

HUMANISMO, HOMEM E ESPAÇO NA TRADIÇÃO JESUÍTICA

Maria Emilia Monteiro Porto (UFRN)

A relação entre o homem e o espaço é fundamental para a história porque toda e qualquer experiência que se possa chamar de histórica apenas nele se realiza. São muitas as situações em que a história o intercepta. O avanço dos homens sobre a terra o constitui como território. De sua conquista nele estabelece centros, periferias, margens e fronteiras e com isso constitui lugares, cujas circunstâncias implicarão em um modo de existência ou formas de cultura. Do mesmo modo avança sobre espaços mentais, e os constitui em territórios, lugares de memória, também sujeitos a uma geopolítica da interioridade. Com isso temos o espaço como condição de realização histórica e as formas que adquiriu. Outra perspectiva de acesso ao problema foi a experiência com a ideia de espaço tal como processada pela Companhia de Jesus entre os séculos XVI e XVII na controvérsia sobre qual o *locus* privilegiado de acesso ao divino: a atuação no mundo interior ou no mundo exterior. A ação no mundo, posição majoritária e vencedora, apresentou, ao conjunto das formulações sobre o Humanismo (laico e cristão) que transitavam na Europa moderna, um ponto de vista descentralizado para o lugar do homem no conjunto da Natureza, algo que sobressai da ação dos jesuítas franceses na construção inicial da Geografia. Dessa trajetória deduziremos uma dimensão da relação entre Homem e Espaço na época moderna a partir da tradição jesuítica.

OS ESPAÇOS INTERIORES: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A MEMÓRIA ARTIFICIAL NO RENASCIMENTO

Monalisa Macedo (UFRN)

Partindo da cena primitiva da memória artificial de Simônides gostaria de propor uma rápida reflexão sobre o exercício de construção de espaços imaginários internos - castelos, jardins, casas, bibliotecas - como espaços operacionais não somente no que concerne à memória mas à constituição do sujeito, sua inteligência, ética e, especificamente no Renascimento, sua capacidade de modificar a natureza.

ESPAÇO E MEMÓRIA. POR QUE OS MONGES SÃO PÓS-MODERNOS?

Noeli Dutra Rossatto (UFSM)

Uma dos aspectos que distingue a chamada pós-modernidade da modernidade é a relação entre tempo e espaço. A modernidade priorizou a categoria de tempo; a pós-modernidade acentuaria a de espaço. Pretendemos mostrar três lugares desta discussão que indicam a tensão entre o modelo de memória espacial com papel cognitivo e o modelo da memória temporal de base ontológica, bem como as consequências na

concepção de memória como técnica de pensamento ou como depósito de conteúdos do passado. O primeiro lugar vem de uma passagem das *Confissões* de Agostinho em que ele indica que a memória é das "noções" (*notiones*) ou das "notações" *(notationes)*. A primeira remete à vertente neoplatônica que, ao relacionar a memória com o tempo, a entende como depositária dos conteúdos do passado; a segunda, vinculada à retórica, trata a memória como construção espacial de estruturas cognitivas que servem para pensar. O segundo momento diz respeito à distinção dessas duas vertentes na recepção medieval. Por fim, avaliamos a tese de que a memória como técnica de meditação está ligada ao pensamento monástico medieval e, por extensão, se aproximaria das reivindicações pós-modernas.

UMA IGREJA, UMA CABANA, UMA MONTANHA: REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DO CONSTRUIR

Oscar Federico Bauchwitz (UFRN)

Em 1951, Martin Heidegger profere a conferência *Construir Habitar Pensar*. O tema central, pautado pelos verbos que a intitulam, promove uma reflexão fundamental sobre a interpretação usual do homem contemporâneo face aos desafios do pós-guerra. A relação entre o habitar e o construir é, essencialmente, a relação entre o homem e o espaço. Para o pensador alemão, esse homem, destinado ao mundo técnico, encontra-se "sem lugar", "desenraizado", "fora de casa" porque, efetivamente, desconhece a experiência do habitar, porque é incapaz de pensar o habitar como um traço fundamental do homem. Somente reconhecendo-se como aquele-que-habita, o homem pode chegar a construir, em um sentido essencial. A presente exposição procura pensar algumas possibilidades que correspondam a tal construir.

O EU FENOMÊNICO NA ESTÉTICA TRANSCENDENTAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTUIÇÃO EMPÍRICA.

Thiago dos Anjos Noleto Barros - Mestrando em Filosofia (UFRN)

Não são poucas as investigações que pretendem, à luz da filosofia kantiana, observar o lugar do homem no mundo e se limitam nas noções preliminares da Estética Transcendental acerca das formas puras da sensibilidade a priori, as quais falam da receptividade do diverso da experiência por uma intuição pura do sujeito cognoscente. Este passo inicial da filosofia kantiana apenas demonstra, na sequência epistemológica, como o conhecimento se inicia (na ordem do tempo) e suas condições de possibilidade. No entanto, para se reconhecer o indivíduo no mundo é preciso aprofundar a visão da Estética Transcendental e partir para uma investigação que dê conta de como a filosofia kantiana encara o homem enquanto fenômeno, ou seja, como alguém que se situa no domínio da experiência. Para auferir este propósito, cumpre destacar a noção de intuição empírica desdobrada em seus sentidos interno e externo: no primeiro caso, enquanto

modo com que o espírito intui a si ou intui também o seu estado interno; e, no segundo, enquanto propriedade do espírito por intermédio da qual obtemos a representação de objetos como exteriores a nós e estabelecidos no espaço. Portanto, o presente trabalho busca apresentar o conceito kantiano de "eu fenomênico" possibilitado pelas noções retrorreferidas da Estética Transcendental.

Quod non est in costitutione non est in mundo: costruire, abitare e (ri)pensare la Costituzione in Europa

Ubaldo Villani-Lubelli
(Università del Salento – Rub-Europadialog, Ruhr-Universität)

Sin dall'antichità la costituzione è considerata il luogo di incontro tra diritto, potere e politica. Secondo Thomas Paine «un governo senza costituzione è potere senza diritto» (*The Rights of Man*). Questa posizione di collegamento tra diritto e politica pone la costituzione in una posizione ambivalente che la storia del termine evidenzia in modo evidente tanto che esistono più termini per indicare ciò che la tradizione occidentale ha attribuito al concetto di *costituzione*. Nel lessico greco troviamo *kósmos*, *táxis*, *katástasis*, *politéia*, in quello latino *ordo*, *constitutio*, *status reipublicae*, *civitas*. Tuttavia, soltanto dopo la seconda guerra mondiale, dopo la fase dei totalitarismi, si è aperta in Europa una stagione feconda per il costituzionalismo, in quanto nella cultura politica delle democrazie pluraliste si è afferma la supremazia della costituzione. L'evoluzione recente della società contemporanea, con le sue crisi multiple (economiche, umanitarie e politiche), ha messo in crisi non solo le istituzioni politiche, ma anche l'idea stessa dell'importanza della *costituzione* per la vita sociale e politica di una comunità e per il rispetto dei diritti fondamentali (Stato di diritto, Rechtstaat).
Qual è dunque il ruolo della costituzione nella società politica odierna? È sufficiente la costituzione a garantire lo stato di diritto? Esiste un mondo politico al di fuori dalla costituzione? La relazione intende mettere in risalto (a) l'importanza delle *Costituzione*, intesa come «garanzia delle libertà di un popolo» (Bejamin Constant, *Principes de Politiques*) e (b) come fattore fondamentale per la definizione del singolo individuo nella società. La costituzione resta così lo spazio vitale indispensabile per il buon funzionamento di una società autenticamente democratica.

SUJEITO, LINGUAGEM E ESPACIALIDADE CONTEMPORÂNEA: O ONDE DO REAL.

Wilton James Bernardo-Santos (UFS)

Para esse I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA – "O HOMEM E O ESPAÇO" (Natal, 28-30 Novembro de 2016), tendo em vista a tradição dos estudos da linguagem dedicados às relações entre nomeação e referência, o sentido e o mundo, propomos uma reflexão mais geral que articula preocupações específicas a partir de certa filosofia da linguagem dedicada ao limiar da escrita na sociedade ocidental

(AUROUX, 1992; 1998). A linguagem humana transposta no suporte gráfico, na bidimensionalidade do espaço plano, na ausência empírica do som. Ou seja, uma alteridade de tal ordem que tornou possível não apenas a geometria mais antiga (a euclidiana), mas, já no sec. XIX, as superabstratas, tridimensionais, as imaginárias geometrias modernas. Sem a espacialidade construída pela escrita, a revolução tecnocientífica e seus espaços logicamente estabilizados (PÊCHEUX, 1997) não seriam a realidade em que nos encontramos: por exemplo, sem a escrita, a linguística não existiria! A relação linguagem/escrita é então decisiva na constituição do Homem contemporâneo. Nesse sentido, a preocupação central é o movimento dessa volição histórica que desloca o Homem e o torna espaço de suas próprias construções que vão do analógico ao digital/virtual.